

O TRABALHO DO PROFESSOR: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ADOCIMENTO NO EXERCÍCIO DA SUA FUNÇÃO

THE TEACHER'S WORK: THEORETICAL REFLECTIONS ON ADVICE IN THE EXERCISE OF ITS FUNCTION

Josiane Bertoldo Piovesan 1
Wagner de Moura Oliveira 2
Suzel de Lima da Silva 3
Francisco Nilton Gomes de Oliveira 4

Barachel em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Santa Maria, atualmente voluntária no Projeto de Extensão em Saúde do Trabalhador. Participante do Projeto de Extensão: UFSM nas Ruas: Mais Portas, Menos Muros Para Catadores de Materiais Recicláveis e pessoas em Situação de Rua. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica na UFSM, atuando na linha de pesquisa: Formação Docente para a Educação Profissional e Tecnológica. E-mail: josiane_piovesan@hotmail.com

Graduado em História Licenciatura Plena e Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica da UFSM, atuando na linha de pesquisa de Formação Docente para a Educação Profissional e Tecnológica. E-mail: wagneroliveira95@hotmail.com

Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialização em Gestão e Atenção Hospitalar no SUS com Ênfase em Hematologia pela UFSM. E-mail: suzellima2@gmail.com

Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de Fortaleza, Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e Pós Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFGRS. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM do Departamento de Terapia Ocupacional, docente do Mestrado Educação Profissional e Tecnológica no Colégio Técnico Industrial na Universidade Federal de Santa Maria, na linha de pesquisa: Políticas e Gestão em Educação Profissional e Tecnológica. Acumula experiência na área de Gestão em Educação superior, Direção de Ensino, Coordenação de cursos, Coordenação do Programa em Saúde Mental, Tutor e Preceptor da Residência Multiprofissional da UFSM. E-mail: niltonoliveira@superig.com.br

Resumo: Levando em conta a atual realidade do contexto do ensino, em que se observam as cobranças do mercado de trabalho, somadas às rotinas de trabalho das IES (Instituições de Ensino Superior), a qualidade de vida do professor, tanto em sala de aula, quanto fora dela, está diminuindo porque ele está adoecendo. Assim, este estudo propõe realizar uma discussão teórica sobre os causadores de adoecimento dos professores em suas rotinas de trabalho, e o quão essa dinâmica laboral do professor acarreta um adoecimento psíquico, físico e social ao docente. Dessa forma, foi possível desvendar que a sociedade moderna dita que trabalhar é essencial, mas nem sempre as condições do trabalho trazem satisfação ao docente. Embora o tema seja bastante difundido em estudos da área da sociologia, educação e saúde, estima-se que mais pesquisas de campo sejam executadas para que as autoridades locais possam ter parâmetros reais para repensar suas estratégias.

Palavras-Chave: Docentes. Adoecimento. Trabalho.

Abstract: Taking into account the current reality of the context of teaching, in which the labor market collections are observed, together with the work routines of the Higher Education Institutions (HEI), the teacher's quality of life, both in the classroom and outside of it, is diminishing because it is getting sick. This study proposes to carry out a theoretical discussion about the causes of illness of teachers in their work routines, and how this work dynamic entails a psychic, physical and social illness to the teacher. In this way, it was possible to discover that modern society dictates that working is essential, but not always the conditions of work bring satisfaction to the teacher. Although the theme is widespread in sociology, education, and health studies, it is estimated that more field research is done so that local authorities can have real parameters to rethink their strategies.

Keywords: Teachers. Feeling. Job.

Introdução

Do papel do docente em sala de aula emergem inúmeras facetas no seu exercício, tais como lidar com subjetividades diversas do mundo contemporâneo, a compreensão do outrem, bem como manifestar ao aluno uma postura de líder, de compromissos éticos, morais, dentre outros.

A realidade vivida pelo docente em sala de aula emerge por constantes mudanças tecnológicas (games, vídeos, objetos de aprendizagem, dentre outros) e sociais (função do professor, função da escola), sejam advindas de novos recursos em sala de aula que aumentam a insatisfação e o adoecimento psíquico, físico e social dos professores. Levando em consideração as cobranças do mercado de trabalho, as instituições de ensino superior (IES) estabelecem rotinas de trabalho que repercutem na qualidade de vida do professor, tanto em sala de aula, quanto fora da sala de aula, tais como: atividades extra sala de aula (correção de atividades de ensino, planejamento de aulas, capacitações e cobranças sociais). Nesse atual contexto, e não somente neste, trabalhar é considerado um fator de sobrevivência ao ser humano, é ele que forma a identidade como cidadãos, pois sem trabalho o ser humano pode se frustrar socialmente.

Soma-se a essa questão, as exigências de prazos e metas estipuladas pelas instituições de ensino, além de mudanças no perfil do aluno atual, que sobrecarregam e aumentam o desgaste emocional e psicológico dos docentes. Diante da necessidade de inovações tecnológicas no ensino e metodologias ativas, o professor extrapola sua jornada de trabalho para tornar o aluno também um protagonista no seu processo de ensino e aprendizagem.

Tais transformações listadas anteriormente vêm ocorrendo em várias esferas, a pressão de um mercado amplo e totalmente capitalista, além de outros problemas diários, está transformando a saúde do professor, colocando os alunos à mercê de funcionários e profissionais adoecidos, tanto fisicamente quanto psicologicamente. Os problemas de saúde que afetam a profissão docente estão diretamente associados ao tipo de trabalho exercido, além disso, Landini (2007) diz que está relacionado à:

“Formação de outros sujeitos, ao excesso de trabalho, a precarização do trabalho, à perda de autonomia, à sobrecarga de trabalho burocrático, ao quadro social e econômico e às condições de vida dos alunos, entre os principais fatores. Em acréscimo, deve-se às condições objetivas impostas pelas reformas educacionais desde a segunda metade da década de 1990.” (LANDINI, 2007, p. 9).

No campo educacional e nos meios sociais que permeiam a educação, os professores têm modificado suas rotinas e seu cotidiano. Isso se deve às novas tecnologias, a mudanças no sistema educacional e organizacional do seu trabalho, além disso, às exigências socioeconômicas. Esses fatores influenciam para o adoecimento com reflexo de mudanças em seu lazer, convívio familiar além de contribuir para aspectos negativos na atuação em sala de aula (ansiedade, estresse, dores de cabeça e insônia).

Pontua-se também que, além de todas as obrigações exigidas na função do docente, há obrigações exigidas em relação à produção científica, à capacitação constante, à orientação e à co-orientação de alunos de graduação e pós-graduação, acarretando, dessa forma, um desgaste mental e físico do professor. Sob o ponto de vista de Franco (2001), o professor do ensino superior é aquele em quem o plano de trabalho dispõe de várias horas de pesquisa, mas também, possui tantas horas de ensino, que não propiciam espaços para investigações e, muitas vezes, nem para preparação de aulas. Ainda, o professor:

“Sob o ponto de vista político, é o que vive as tensões da própria área de conhecimento, não raro impregnada de corporativismo, acrescidas das tensões das demais áreas na disputa por espaços e financiamentos. Na perspectiva profissional, é permanentemente avaliado, desde o ingresso na carreira, através de avaliações sistemáticas para ascensão profissional, da submissão de trabalhos em eventos e da

apresentação de projetos e de relatórios de atividades e de pesquisa. O professor universitário caracteriza-se pela diversidade, pela pluralidade de opções, caminhos, alternativas, interesses e tensões." (CARLOTTO, 2004, p. 147).

Portanto, a saúde do professor torna-se um tema importantíssimo a ser debatido, pois além da preocupação com esses profissionais, a questão do adoecimento deles vem crescendo constantemente. A profissão de docente é considerada uma das que mais passam por problemas de saúde, tais como: estresse, desgaste físico e emocional, depressão, etc, são configurações de adoecimento que tem acometido estes profissionais. Ensinar acabou se tornando uma presteza de muito desgaste e desânimo, o que afeta diretamente no desempenho desses profissionais, seja na profissão ou em suas vidas pessoais.

Neste artigo, propõe-se realizar uma discussão teórica sobre os fatores e vivências que os professores têm em suas rotinas de trabalho, e o quão essa dinâmica laboral do professor diariamente acarreta um adoecimento psíquico, físico e social.

O trabalho: viés epistemológico da função do professor em sala de aula

O trabalho é uma parte constituinte na vida das pessoas, em que elas desenvolvem sua identidade, além de ser um fator de sobrevivência no mundo capitalista. Este abrange todas as dimensões do ser humano, constituindo também, além da sua subjetividade, sua saúde física, mental e social.

Trabalhar requer o maior tempo das pessoas e é um marco esperado para a vida adulta de todos; por isso, para desempenhá-lo satisfatoriamente, precisa-se estar com a capacidade mental, física e social em boas condições, ou, durante o seu tempo evolutivo de trabalho, este poderá ficar comprometido.

O trabalho foi impulsionado pelos movimentos de democratização, nos idos de 1970, que se seguiram a longas e repressivas ditaduras. A área de Saúde do Trabalhador teve um desenvolvimento mais efetivo do ponto de vista conceitual, no bojo no chamado movimento da Medicina Social latino-americana. Duas questões principais distinguem suas concepções em relação às anteriores.

Em primeiro lugar, o processo de trabalho como processo histórico-social que, no modo de produção capitalista, assume um caráter de exploração da mais-valia e sujeição dos trabalhadores às condições impostas pelo capital, é categoria central na análise dos determinantes do processo saúde-doença dos trabalhadores.

Em segundo lugar, a valorização do conhecimento dos trabalhadores sobre o processo e as condições de trabalho, além de conhecê-los como atores fundamentais na luta e nas negociações que visem a melhorias das condições de trabalho e saúde.

Culturalmente o sujeito aprendeu que é o responsável pela sua sobrevivência, portanto, a saúde representa, para a maioria dos sujeitos, a condição indispensável para o exercício do viver. Contudo, a saúde não se plenifica apenas nesses aspectos, faz-se necessário muito mais, para se obter um estado de bem-estar e qualidade de vida. São exemplos determinantes das condições de vida saudável: lazer, liberdade, habitação digna, educação e outros.

Constitutivo na vida das pessoas e acompanhando as esferas de transformações tecnológicas que vêm ocorrendo, os profissionais ou "empregados" devem por sua vez, estar sempre em constante atualização, formação, pró atividade, demonstrando qualidade e produtividade em seus cargos. Por vezes, isso causa transtornos em suas vidas, pela sobrecarga de trabalho que lhes são atribuídas.

Para Dejours (1999, p. 20), a precarização das relações de trabalho, provoca quatro principais consequências aos trabalhadores, citados a seguir: a intensificação do trabalho e o aumento do sofrimento subjetivo dos que permanecem trabalhando; a neutralização da mobilização coletiva contra o sofrimento, a dominação e a alienação no trabalho; a estruturação de estratégias defensivas em que todos precisam resistir e "não podem fazer nada" pelo sofrimento alheio e, por fim, frente à ameaça de demissão, o "cada um por si".

Neste condão do trabalho do professor, formaram-se parâmetros para os docentes,

de maneira com que os educadores se encaixam no mesmo meio produtivo, com finalidades quantitativas e uma produtividade que faça com que tenha promoções na carreira, mas bem se sabe que, neste contexto todo, há uma precarização do ensino, massificada por políticas públicas frágeis, tornando-se um ciclo sem transformações benéficas para educadores e educandos. No pensamento de Marx (1978) está a ideia de que tudo se encontra em constante procedimento de mudança. A máquina da mudança são os conflitos resultantes das incongruências de uma mesma realidade. Sendo assim, as mudanças significativas devem ser benéficas para toda a sociedade, não apenas para uma parcela dela.

No mundo do trabalho, a questão do adoecimento está intrinsecamente ligada aos fatores de condições do trabalho, exploração, que afetam diretamente a saúde física, psíquica e social do trabalhador. A saúde e a educação são fatores muito importantes para o desenvolvimento pessoal e social de todo o ser humano. As demandas da contemporaneidade estão mais preponderantes, com isso, os profissionais da educação necessitam de competência pedagógica e social, assim como habilidades que estimulem a edificação do conhecimento e a criticidade dos indivíduos para que consigam conviver na sociedade como sujeitos ativos, reflexivos e conscientes de suas atitudes, mas para que isso seja possível, é fundamental uma saúde física, mental e social saudável.

Docentes, ao lidar com esse campo complexo à saúde, deparam-se com inúmeras demandas próprias, como: medo, desconhecimento, poder, incertezas.

Entretanto, o equilíbrio tão desejado nem sempre é alcançado pelos docentes e, mesmo, aparentemente simples a origem do problema (quando se consegue descobrir), consequências graves podem ser acarretadas, tornando-se evidente a relevância dos mais minuciosos detalhes, quando se trata do indivíduo e suas vivências dentro da sociedade.

A preocupação em compreender a representação dos docentes em sala de aula no exercício da docência deve-se à lacuna de conhecimentos sobre a saúde do professor, principalmente no que diz respeito ao estigma social do professor como uma figura de imponência, soberania, entre outros.

Nos pressupostos teóricos de Ada Ávila Assunção e Dalila Andrade Oliveira complementam que:

A exigências apresentadas aos profissionais da educação nesse contexto de nova regulação educativa parecem pressupor maior responsabilização dos trabalhadores, demandando maior autonomia (ou heteronomia) destes, capacidade de resolver localmente os problemas encontrados, refletir sobre a sua realidade e trabalhar de forma coletiva e cooperativa. (ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009, p. 349).

Vários autores vêm discutindo sobre questões deste âmbito, citam-se aqui Barreto (2006), Lima (2005), Costa (2005), Martinez e Paraguay (2003). Eles consideram que o trabalhador poderá vir a adoecer pelos fatores de pressão e exigências que são cobradas ao realizar as atividades profissionais.

De acordo com Silva e Paiva (2018), fatores que podem estar fomentando o aumento do adoecimento entre a classe docente, a exemplo da necessidade de educação permanente ou educação continuada imposta pelas instituições e que não acompanham no mesmo ritmo as mudanças sociais e econômicas da sociedade. Soma-se a isso que o professor precisa ser multifacetado, ou seja, ter a capacidade de motivar e preparar alunos para um mercado de trabalho incerto e, às vezes, injusto.

A subjetividade do ser professor também é relevante para se ampliar as questões do adoecimento docente. Para Silva e Paiva (p. 38, 2018), a subjetividade tem papel importantíssimo para que a gestão possa melhorar a condição de trabalho docente, por meio da sua reconstrução e sua ressignificação valorativa.

Atualmente, dentro das IES, encontram-se infraestruturas precárias, superlotação de alunos por sala de aula, jornadas duplas de trabalho docente para suprir suas necessidades financeiras, a insegurança pela violência e falta de autonomia, além da baixa remuneração, são alguns dos fatores que geram os adoecimentos dos professores, contribuindo para desvalorizar e gerar a falta

de motivação desses profissionais.

Tal desvalorização vem atribuída ao perfil do aluno contemporâneo, com dificuldades de estreitamento das relações entre pais, alunos e IES atrelada a modelos pedagógicos instituídos pelos espaços institucionais que não correspondem ao perfil dos alunos.

Nesse sentido, o adoecimento acontece e sua repercussão em sala de aula torna-se inevitável, influenciando para que o aluno perca a referência do professor como profissão a ser escolhida como carreira a ser seguida. Não somente isso, o cotidiano do processo de aprendizagem também sofre alterações, pois o aluno perde a crença nos conhecimentos do docente e pode ir buscar fontes incertas suas próprias ideias de conceitos inerentes ao contexto escolar.

As transformações que têm ocorrido em relação à profissão de docente, impactadas pelas mudanças de um contexto social, que complexibiliza com as novas demandas que estão impostas pela sociedade, bem como, há uma fragmentação do trabalho, tudo isto alinhados a um processo histórico, no qual tudo se torna instantâneo. A função do professor passou a demandar de novas e maiores exigências, assim como muita responsabilidade, está para muitas vezes extra sala de aula. Atrelados a esta questão, Souza e Coutinho (2018) trazem como somadores ao adoecimento dos professores o

(...) “desinteresse, indisciplina e falta de motivação dos estudantes e o baixo rendimento apresentado nas avaliações de desempenho, muitas vezes responsabilizando a ausência da família no processo educacional, influenciam a qualidade de vida dos professores representando assim, um entre os multifatores causadores de mal-estar, desconforto, sofrimento e adoecimento desse profissional” (p.22, 2018).

O docente está a todo instante sendo testado, suas habilidades e competências passam por constantes avaliações. Dentro disso, entra em jogo o emocional do profissional em ter que se adaptar a transformações sociais e educacionais, também em relação à complexibilidade e exaustão do seu trabalho, gerando um desgaste não somente mental, mas também físico e social. Segundo Gasparini, Barreto e Assunção (2006), as questões econômicas do mundo totalmente capitalista exigem novas demandas que acabam por transformar a organização do trabalho docente.

A inserção dos indivíduos no mercado de trabalho exige níveis de escolarização cada vez mais elevados. Para atender às novas demandas de organização dos sistemas de produção, espera-se da escola e, principalmente, do docente, a formação de um profissional flexível e polivalente. Entretanto, os engendramentos realizados na tentativa de alcançar maior autonomia no trabalho docente são, muitas vezes, acompanhados por restrições das políticas educacionais com efeitos diretos nas atividades dos professores, no modo de execução de sua atividade e em sua própria saúde (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, p. 2680, 2006).

Professores atuantes, sejam em instituições públicas ou privadas possuem problemas de saúde, o impacto negativo disso, muito se dá pela desvalorização do trabalho no contexto social contemporâneo, profissionais desvalorizados profissionalmente, tendem a ter baixa autoestima e desmotivação.

Novas funções estão sendo cobradas das instituições e dos docentes, funções estas antes herdadas do seio familiar ou do ambiente social. À medida que essas cobranças crescem, proporcionalmente, a valorização profissional dos professores vem decaindo. Sobrecarregados e desqualificados para novas funções, àquelas além das tradicionais conferências do seu trabalho, os professores além de estimular o ensino e aprendizagem dos alunos, precisam ensiná-los a inserir-se na sociedade, permitir um envolvimento entre IES e a comunidade, bem como, ainda, têm de buscar por constantes requalificações, estas são indicadores que elucidam a atual condição de docente no Brasil, conseqüentemente, estes caminhos se não digeridos por estes profissionais, vão levando-os a um abismo que os deixará adoecidos.

A relação entre as condições de trabalho e os seus efeitos para os professores, no que se refere aos agravos à saúde, tem implicações, não só para os professores, mas para toda a estrutura e de ensino. Assim, há uma relação estreita entre a saúde do professor e a qualidade de seu trabalho. (GOUVÊA, p. 211, 2016).

A responsabilidade que recai sobre o professor é imensa. Quando se analisam todas as considerações e transformações no mundo do trabalho, nota-se que o professor é um ser formador. Sendo assim, sua preocupação frente a turmas grandes, diferenciadas, que aprendem de modos diferentes e são seres cada um com sua subjetividade, recai sobre ele uma grande responsabilidade que pode, por vezes, ser assustador. No mais, é um desafio.

Para Tardif e Lessard (2011), a atividade docente é centrada no ser humano, ou seja, na sua subjetividade, interação, cognição e essa relação é fator de incertezas, conflitos, ansiedades, tensão, etc., que descrevem e identificam a carga psíquica do trabalho. Além disso, outros fatores já citados anteriormente como por exemplo, carga excessiva de trabalho, não autonomia institucional e etc. formam um conjunto de fatores que levam ao adoecimento psíquico do professor.

Partindo para outro viés de adoecimento, os autores corroboram que:

Tirando proveito da situação precária de subemprego, desemprego, arrocho salarial, desregulamentação e flexibilização das relações de trabalho que caracterizaram a época, a economia capitalista incentivou a mercantilização do trabalho docente com apoio aos cursos de pós-graduação *lato sensu* pagos e abertura de Universidades Privadas (FORATTINI; LUCENA; p. 38, 2015).

Se a iniciativa privada fosse voltada para expansão da pesquisa, do ensino e da extensão traria ganhos positivos e agregadores à educação. Porém, ela vem com um viés mercadológico, sempre visando à lucratividade e ao capitalismo, tornando a educação sucateada, desvalorizada e instável. Isso acontece quando os professores são horistas, em que os alunos de pós-graduação contemplam o quadro de funcionários como professores substitutos, entre outros.

Uma doença emergente do século atual é a síndrome de *BURNOUT*¹ - trata-se da síndrome da desistência e está relacionada diretamente à perda de energia no trabalho, a dor profissional. Muitos dos professores que adquirem esta síndrome se veem encurralados entre o que poderiam fazer para melhorar profissionalmente e até onde podem ir, chegando à idealização de que não estão preparados ou não podem dar conta dos objetivos que estão por vir. A síndrome de *burnout* está relacionada diretamente às condições de trabalho desses docentes, a realidade mostra que se configurou um crescente aumento da síndrome, mostrando uma realidade muito preocupante (CARLOTTO; LIBRELOTTO & PIZZINATO, 2012).

Nesse sentido, Carlotto explica que:

(...) no caso do professor, o processo é iniciado com uma sensação de inadequação na função e a percepção de ausência de recursos para enfrentar as exigências de seu trabalho. Há sensação de diminuição de sua capacidade de concentração, de resolver problemas e tomar decisões. Como consequência, o professor tende a aumentar o seu esforço, surgindo sinais evidentes de irritação, ansiedade, tensão, medo de não ter sucesso nas aulas, de manter a disciplina, com uma percepção exagerada de suas lacunas e dificuldades. Como forma de aliviar esses sentimentos e tentar adaptar-se pode desenvolver um distanciamento emocional associado a atitudes críticas e depreciativas sobre seu trabalho e alunos. Pode ocorrer somatizações que o levam a problemas médicos

¹ O termo "Burnout", de origem inglesa, designa algo que deixou de funcionar por exaustão de energia. Pode-se dizer que o termo descreve uma síndrome com características associadas, que representam uma resposta aos estressores laborais crônicos. (Pêgo FPL, Pêgo DR, 2015, p. 172).

e não raras vezes ao afastamento no trabalho. (CARLOTTO, 2011, p. 404).

Um estudo realizado demonstra os indicadores e resultados da síndrome de *Bournout* em professores de escolas especiais da região central do Estado do Rio Grande do Sul. O estudo teve como objetivo identificar a prevalência da Síndrome de Burnout e a sua associação com os fatores de risco psicossociais nesses docentes.

As pesquisadoras mostraram resultados que:

De acordo com a pontuação total na escala CESQT-PE, composta por 15 itens e considerando o critério adotado, a percentagem de sujeitos com níveis altos de Burnout foi de 30.6%. Já em relação à pontuação obtida através do CESQT-PE e na dimensão de Culpa, 14.3 % dos inquiridos apresentaram pontuações altas. Os resultados obtidos através da correlação de Pearson revelam que todas as variáveis estudadas associam-se à dimensão Ilusão ao trabalho, com exceção do feedback negativo. Associado de uma forma positiva encontram-se a autonomia, o apoio social pessoal e no trabalho, o feedback positivo, a auto-eficácia e a satisfação no trabalho. Associados de uma forma negativa, encontram-se o conflito e ambiguidade de papel, a iniquidade, a sobrecarga de trabalho e os problemas de saúde. Em relação ao desgaste psíquico, verifica-se que este se eleva na medida em que aumenta o conflito e a ambiguidade de papel, a sobrecarga de trabalho e os problemas de saúde e por outro lado, diminui quando se relaciona a autonomia, ao apoio social e no trabalho, ao feedback positivo, a auto-eficácia e a satisfação obtida com o trabalho. Verifica-se ainda que quanto maior é a Indolência menor é a autonomia, o apoio social, o apoio social no trabalho e a percepção de auto-eficácia. A dimensão de culpa aumenta quanto maior o conflito, a ambiguidade de papel, a sobrecarga e os problemas de saúde. Nesse sentido, o Perfil 1 associa-se ao aumento do conflito de papel e a iniquidade e o Perfil 2 associa-se ao conflito de papel, à sobrecarga de trabalho, à iniquidade, à insatisfação laboral e aos problemas de saúde. (CARLOTTO; LIBRELOTTO; PIZZINATO & BARCINSKI, p. 320, 2012).

O sentimento de impotência faz com que o sentido do trabalho vá se desgastando com o passar do tempo, em especial, com docentes que acabam atingindo um desgaste físico, emocional e social muito impactante em suas vidas. Há indícios de que o abandono da profissão (professor docente) se torna cada vez uma realidade no meio da profissão. Para estudar tais fenômenos como a síndrome de *burnout*, é necessária uma análise mais minuciosa sobre os casos que ocorrem em professores, mas se sabe que a precarização do trabalho, aumento da jornada de trabalho, a reestruturação educacional pós governos neoliberais no Brasil, representam, ao longo do tempo, transformações que impactam muito negativamente na vida e na profissão de docentes brasileiros em todos os níveis de ensino.

Outro agente bastante questionado nos estudos de SANTANA e NEVES (p. 794, 2017), volta-se para a gestão da saúde da classe docente, ou seja, quem cuida? Onde estão os serviços para acolhimento das demandas de adoecimento? E o acompanhamento terapêutico como é feito? Enfim, é notável que a má organização dos serviços prejudica a qualidade da saúde desses trabalhadores adoecidos pelo cotidiano, bem como os programas para a educação que considerem como questão de saúde pública não estão sendo cumpridos em sua totalidade.

Faz-se mister o estudo de Souza et al. (2017), que trata sobre a importância de espaços coletivos de apoio aos docentes que promovam o diálogo sobre suas ansiedades, medos, desejos, dúvidas sobre sua saúde; caráter coletivo, promovendo espaços laborais mais saudáveis. Nessa ação estratégica, exige-se das gestões mais movimentação em prol da sua equipe de trabalho, visando a

reuniões com temáticas e busca por profissionais capacitados para acompanhar as demandas dos docentes.

Considerações Finais

O professor no ensino superior, muitas vezes, não está preparado para lidar com o exercício da docência. Como educador, vive situações de faz-de-conta que o seu aluno está aprendendo. Impinge uma necessidade de se olhar para esse docente na atual circunstância de números atribuídos pelo MEC. Os critérios para que o sujeito esteja em sala de aula estão corretos.

Destaca-se que haja uma reorganização institucional e uma valoração do profissional professor em sala de aula. Quando se subscreve a reorganização institucional, indica-se que os docentes realizem suas atividades dentro da instituição, evitando assim levar trabalhos, planejamentos e questões deste âmbito para dentro de suas casas. Essa dinâmica faz com que o profissional professor consiga separar as questões institucionais e questões pessoais e familiares, conseqüentemente, um fator de adoecimento a menos, para que o profissional consiga dispor de lazer, momentos prazerosos e de descanso junto aos seus entes.

Levando-se em consideração o cenário institucional, compreende-se que o adoecimento da classe docente tem um motivo para estar acometendo um número considerável de professores. Tais mudanças, sejam nas instituições IES e na sociedade, corroboram para que a cada dia, a profissão professor desvalorize e perca seu espaço merecedor de destaque para a formação de alunos em cidadãos. A sociedade moderna transformou o trabalho essencial para a sobrevivência dos sujeitos, nesse sentido, trabalhar implica nem sempre levar em conta as condições que ele impõe (salas de aula com excesso de alunos, perda da autonomia para planejamento das aulas, baixa remuneração, dentre outras).

Provoca-se que mudanças sejam feitas e estudos sirvam de suporte para implantação e implementação de políticas públicas e educacionais que almejam melhores condições de trabalho ao professor, tanto em nível de gestão, mas principalmente em nível de sociedade.

Independentemente do nível de ensino em que o docente esteja inserido, esse profissional está, a quase todo o instante, exposto a transformações sociais, mudanças educacionais, questões de implantação de novos métodos pedagógicos que vêm sendo requisitados nos últimos tempos, tudo isto põe este profissional dentro de estressores ocupacionais gerados no ambiente de trabalho, que causam conseqüências psicológicas e físicas e sociais.

Percebe-se a importância de se repensar as metodologias, matrizes curriculares, formações dos cursos de graduação ou pós-graduação. As IES necessitam criar dispositivos ou ferramentas que permitam esse alunado lidar com a realidade de ser um futuro docente.

Diante das características do trabalho do professor e das leituras sistematizadas para este estudo, mostraram que a qualidade de vida dos professores é um também um dos grandes fatores de adoecimentos, problemas relacionados ao esgotamento pessoal, sono, insônia, abuso de medicamentos, dentre outros, expõem os docentes a problemas que vão se quantificando se não houver um tratamento, acompanhamento psicológico e mudança de rotina, fazendo assim com que o docente esteja “vacinado” para os problemas que vai enfrentar pessoal, socialmente e na sua profissão.

O tema do adoecimento de professores revelou-se ser um assunto já bastante difundido em estudos da área da sociologia, educação e saúde, colocando a comunidade científica com apropriação para fortalecer ações estratégicas, pensando em mobilizações em prol de melhorias de trabalho para com os professores. O universo docente está deixando de ser algo complexo e enrijecido e destaca hoje os papéis sociais que cada constituinte da instituição de ensino representam (aluno, professor e família), como seres com subjetividade, então, únicos, que devem ser compreendidos em sua singularidade e posteriormente unidos, para que então, o trabalho não seja adoecedor e o ensino seja prazeroso.

Por fim, estima-se que mais pesquisas de campo sejam executadas para que as autoridades locais possam ter parâmetros reais para repensar suas estratégias e de fato implantar ações que mudem esse cenário da educação.

Referências

ASSUNÇÃO, A. A. & OLIVEIRA, D. A. **Intensificação do trabalho e saúde dos professores**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009.

BARRETO, M. M. S. (2006). **Violência, saúde e trabalho (uma jornada de humilhações)**. São Paulo: PUCSP.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout e características de cargo em professores universitários. **Revista Psicologia: organizações e trabalho**, v. 4, n. 2, p. 145-162, 2004. Disponibilidade em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7642/6977>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Out-Dez 2011, Vol. 27 n. 4, pp. 403-410.

CARLOTTO, Mary Sandra; LIBRELOTTO, Rejane; PIZZINATO, Adolfo; BARCINSKI, Mariana. Prevalência e fatores associados à Síndrome de Burnout nos professores de ensino especial. **Análise Psicológica vol.30 no.3**. Lisboa jul. 2012.

COSTA, A. L. R. C. da. As múltiplas formas de violência no trabalho de enfermagem: o cotidiano de trabalho no setor de emergência e urgência clínica em um hospital público (**Tese de Doutorado não publicada**). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

DEJOURS, C. **Banalização da injustiça social**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FORATTINI, C. D.; LUCENA, C. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva de precarização do trabalho. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, vol.1, n.2, mai.-ago. 2015, p. 32-47. Disponibilidade em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/19/369>>. Acesso: em: 22 jan. 2019.

FRANCO, M. E. D. P. Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In: MOROSINI, M. C. (org.). **Docência universitária e os desafios da realidade nacional**. Brasília: Plano, 2001. p. 109-135.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, p. 2679-2691, 2006.

GOUVÊA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate** | rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, OUT-DEZ 2016.

LANDINI, Sonia R. Professor, trabalho e saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador-professor. In: **Colloquium humanarum**. Directory of Open Access Journals, 2007. p. 08-21. Disponibilidade em: <<http://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/222/599>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

LIMA, M. E. A. Transtornos mentais e trabalho: o problema do nexos causal. **Revista de Administração da FEAD**, 2(1), 73-80, 2005.

MARTINEZ, M. C., & PARAGUAY, A. I. B. B. Satisfação e saúde no trabalho, aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 6, 59-78, 2003.

MARX, K.: ENGELS.F. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes, 1978.

PÊGO FPL, PÊGO DR. **Síndrome de Bournout**. Revista Brasileira Medicina do Trabalho. 2016:171-176.

SANTANA, F. A. L., NEVES, I. R. Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras. **Saúde Soc.** São Paulo, v.26, n.3, p.786-797, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n3/0104-1290-sausoc-26-03-00786.pdf>. Acesso em: 22 de jan. de 2019.

SILVA, S. G. da, PAIVA, A. C. S. O pathos docente em narrativas: relações entre trabalho, subjetividades docentes e adoecimento psíquico. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.49, n. 1, p.535-577, mar./jun., 2018. Disponibilidade em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32433/1/2018_art_sgsilvaacspaiva.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

SOUZA, K.R., et al. A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(11):3667-3676, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n11/1413-8123-csc-22-11-3667.pdf>. Acesso em: 22 de jan. de 2019.

SOUZA, E. M. R. de, COUTINHO, D. J. G. Adoecimento das professoras das primeiras letras EM Olinda: sintomas, queixas e diagnósticos. **Educ. rev. vol.34**, Belo Horizonte 2018. Epub Oct 22, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982018000100175&lng=en&nrm=iso&tlng=pt&ORIGINALLANG=pt>. Acesso em: 22 jan. 2019.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

Recebido em 31 de janeiro de 2019.

Aceito em 10 de junho de 2019.